



Inauguração da ponte: Fim da novela que durou mais de três anos

Depois de três anos de espera, o acesso ao Balneário Municipal Afonso Kunrath, o Baixio, ganhou uma nova ponte. Mas quem esperava apenas a recuperação da ponte, que cedeu em 2018, foi surpreendido com uma estrutura inédita para o local, que agora conta com bancos, iluminação e pontos para contemplar uma das mais belas atrações do município: o rio Caí. A inauguração oficial, na terça-feira, 26, contou com a presença de secretários municipais e vereadores, além do Presidente da União Montenegrina das Associações Comunitárias, Airton Quadros.



Acesso ao Balneário está garantido

Redação

O Gestor de Contratos e Convênios do município, Silvio Kael, lembrou que quando o Prefeito Gustavo Zanatta assumiu o cargo, no começo deste ano, essa era uma das obras prioritárias, já que, além do tempo com acesso bloqueado, no governo passado outras empresas foram contratadas e não concluíram os

serviços. “Eu e o prefeito fomos a Brasília em janeiro e nos reunimos com a Secretaria Nacional da Defesa Civil, que prorrogou o prazo para utilização da verba destinada”, esclarece Kael. O valor total da obra é de R\$ 161.684,08, com R\$ 30.443,06 de recursos próprios e a maioria oriunda de repasses federais. O Presidente da Câmara de Vereadores, Juarez Vieira

da Silva, ressaltou que este é um símbolo de uma gestão diferente. “É um dos nossos cartões postais, que agora está sendo devolvido com uma beleza incrível”, disse Juarez.

Para o Prefeito Gustavo Zanatta, a obra é mais um passo para trazer de volta as potencialidades de Montenegro. “Quero agradecer a nossos servidores, que muito se empenharam

junto à empresa para este resultado. Queremos uma cidade que tenha orgulho das nossas coisas. Agora, o próximo passo é revitalizar o Balneário Afonso Kunrath”, concluiu Zanatta.

A retirada de cones, que bloqueavam a passagem de veículos durante o ato, encerrou a solenidade, devolvendo oficialmente o acesso à comunidade. (Foto: Acom)

Trabalhos da 25ª FeRural poderão ser vistos na internet

Montenegro - Em decorrência da pandemia do Coronavírus, neste ano a 25ª FeRural e a 7ª FeUrbana ocorreram no formato virtual. Com o objetivo de fomentar e valorizar o desenvolvimento de projetos pedagógicos, as escolas municipais montaram seus próprios espaços temáticos com as mostras dos trabalhos, onde receberam a visita dos profis-

sionais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) e de toda a comunidade escolar.

De acordo com a Secretária Municipal Educação e Cultura, Ciglia da Silveira, as feiras são importantes, pois “promovem a troca de informações e experiências entre o campo e a cidade através da interação entre as escolas”

- destacou Ciglia. No sábado, 23, a SMEC divulgou o link de acesso com os vídeos dos projetos produzidos por alunos e professores da rede de ensino municipal. Além disso, também foram divulgados relatos de práticas exitosas dos professores durante o ano de 2021, possibilitando a troca de experiência entre eles. Segundo Letícia Silva da

Rosa de Azeredo, coordenadora das Escolas Rurais, na próxima semana a SMEC continuará visitando as escolas da rede municipal para conhecer todos os projetos que participaram da 25ª FeRural e a 7ª FeUrbana.

Link de acesso aos trabalhos e relatos.

<http://sites.google.com/edu.montenegro.rs.gov.br/ferural>

Univates quer ampliar qualificação da mão de obra em Montenegro

Montenegro - A Universidade do Vale do Taquari (Univates) quer ampliar a atuação em Montenegro, auxiliando no enfrentamento de um dos maiores gargalos das empresas

que atuam no município: a qualificação da mão de obra.

Na quinta-feira, 21, um encontro no núcleo da Univates em Montenegro reuniu empresários, que

expuseram suas demandas e ouviram da Diretora de Escola Técnica da universidade, Edi Fassini, como atua a instituição nesta área. O Prefeito Gustavo Zanatta, o Chefe

de Gabinete, Renan Boos, o Secretário de Indústria Comércio e Turismo, Waldir Kleber e o Diretor da pasta, André Fernandes, também participaram da reunião.

Churrascaria e Restaurante Fatur
Conheça o melhor espeto corrido da cidade de Montenegro
Telefone: (51) 3632-3928

Dr. Ahron Ramalho de Oliveira
Cirurgião Dentista
CRO - 13643

Clinica Geral e Especialista em Prótese Dentária

Montenegro Rua Ramiro Barcelos, 1389 Fone: (51) 3057.2590
Maratá Rua Padre Bernardo Rech, 171 Fone: (51) 9988.6984

Vida e morte, Severino

Todo ano os quero-queros reproduzem em nosso terreno. Por dias e dias assistimos a fêmea a chocar, debaixo de sol, chuva, sob frio de tiritar ou calor de se abanar. O lugar do ninho é mais ou menos o mesmo. Neste ano nada vimos, até que num belo dia fui atacado por uma esquadilha de quero-queros, donos daquele chão. Surpreso, me dei conta de que já havia filhotes sem que houvessem visto um ninho. Quatro, protegidos de forma muito efetiva.

Na mesma época os maçaricos do banhado instalaram ninhos num maricá. Pura sabedoria contra a sanha de predadores. Num domingo de manhã, depois de forte chuva na noite de sábado, coadjuvada por uma ventania, percebi com pesar que um ninho despencara no açude. Três filhotes, já penados, equilibravam-se naquela ilha de galhos, como se estivessem a testar embarcações típicas de um Thor Heyerdahl, o genial norueguês que, partindo do Peru, atingiu a Polinésia na jangada Kon-Tiki, apostando numa corrente marítima.

Na verdade aqueles galhos flutuantes estavam mais para o barco de papiro com o qual Heyerdahl pretendia cruzar o Atlântico - lançado na aventura a partir do Marrocos, - e que ficou conhecido como “um ninho de ave flutuante”. Heyerdahl e a tripulação tiveram de abandonar a embarcação depois de cinco dos seis mil quilômetros que o separavam de Barbados. Admirável maluco, Heyerdahl fez jus à tradição da Noruega de produzir os mais hábeis navegadores do mundo e legou à história a marca de um etnólogo tão criativo quanto corajoso.

Temendo que os maçaricos afundassem, mas sem alguém que pudesse me ajudar, consegui colocar o barco na água porque seu nível estava alto, quase de transbordo. Aproximei-me com vagar, no intuito de resgatar aqueles naufragos. Quando estava a ponto de apanhá-los, dois deles pularam na água. Receei que causara sua morte mas, para minha agradável surpresa, nadaram e conseguiram subir em ramos próximos da linha d'água. Avancei um pouco mais e a terceira ave repetiu o feito de suas irmãs. Ainda assim fiquei contrafeito. Os pais cuidariam delas? A ausência de um ninho desobrigaria os genitores?

A resposta veio escandida nos dias da semana. Não pude acompanhar com frequência o que se passava, mas os filhotes, dia após dia, mantiveram-se encarapitados, o que permite supor que eram alimentados enquanto não se sentiam encorajados para abandonar aquele maricá, qual barco ancorado na margem. Ao contrário dos quero-queros, os maçaricos não são agressivos, mas desvelam-se pelos seus da mesma forma. É a vida, vencendo a morte em conta-gotas.

Poucos dias depois da tentativa de resgatar as aves, caminharia à beira mar em Tramandaí. Fim de tarde, ar frio, estuguei o passo. Respirando fundo e colocando ordem nas reflexões, fui surpreendido, ao longo de pouco mais de um quilômetro, pela carcaça de um boto enorme e vinte e um pinguins mortos. O que teria acontecido? Com a ajuda de um intermediário, consultamos um técnico do centro de pesquisa no Imbé. Segundo ele, o fenômeno é normal e recorrente. Em sua difícil migração, são os pinguins mais jovens que não resistem e terminam sua existência no litoral gaúcho. Concluiu suas observações mencionando a proverbial seleção natural. Que resumidamente é a lei do mais apto e regula populações.

Nocauteado por estas experiências, distantes do cotidiano, volta e meia me apanho pensando sobre o que aconteceu com nossa inteligência e nossa coragem. Arrastaram-se dias pesados e tristes e nos aproximamos do final da pandemia. Pelo menos é o que se espera. Particularmente sigo com muitas dúvidas, mas já me consolei com a provável permanência de minha ignorância.

Quando analiso a distribuição dos óbitos no mundo, a aparente falta de autocritica da medicina, o silêncio sobre imunidade e o porquê do bom desempenho de países como a Coreia do Sul, quase acredito que ficar em casa seria o caminho da imortalidade. Por que os tantos que questionaram os métodos de tratamento foram olímpicamente ignorados ou tiveram suas reputações maculadas, mesmo aqueles cuja carreira acadêmica é notável? Assistimos um massacre midiático, sempre em nome da ciência. Que é golpeada a cada omissão sobre alguns efeitos colaterais de vacinas, sobre a duração de sua atuação e os riscos das vacinas de RNA mensageiro, que têm sido testadas em milhões. Ciência! Palavra usada e abusada até por quem não faz um “O” com um copo, sob o mais bem sucedido adestramento planetário da história.